



**O texto, o contexto e a mediação: uma introdução à abordagem de Antonio Candido
para a correlação entre literatura e sociedade**

Max Luiz Gimenes
1º semestre de 2014

Roteiro de atividades didáticas

Sugere-se a abordagem da correlação entre literatura e sociedade em sala de aula a partir de três eixos:

- 1 - A literatura como objeto autônomo construído e dotado de significado;
- 2 - A literatura como forma de expressão;
- 3 - A literatura como forma de conhecimento do mundo e do ser.

Atividade 1

A literatura como objeto autônomo construído e dotado de significado

Previsão de desenvolvimento: quatro aulas de 50 minutos

Objetivo: apresentar aos alunos a especificidade da literatura como obra de arte e do seu código de mediação, a linguagem verbal escrita

Recursos necessários: lousa, xerox, folhas pautadas em branco

Dinâmica utilizada:

Aulas 1e 2

I- Perguntar aos alunos o que é literatura e anotar respostas na lousa.

II- Apresentar e discutir com base nas respostas do item anterior a definição ampla de Candido e como a literatura é necessidade universal de todos os homens em todas as sociedades, variando a manifestação (cf. p. 2 do texto teórico).



III- Apresentar a definição mais estrita de literatura para Antonio Candido, como produção escrita das grandes civilizações e discutir suas faces – ela é *objeto autônomo dotado de significado e construído* por autores a partir da *representação* ou *transfiguração de uma realidade* a fim de *expressar* uma visão sobre ela e proporcionar algum tipo de *conhecimento*. Interessa para os estudos da correlação entre literatura e sociedade sobretudo as obras em que os autores representam uma realidade social, cabendo à crítica de orientação sociológica encontrar a mediação por meio da qual o autor operou a passagem dos dados do contexto (externo) para o texto (interno) (cf. definição de “redução estrutural” nas p. 9 e p. 12 do texto teórico).

IV- Com base nas definições e discussões dos itens anteriores, propor um debate entre os alunos a partir das seguintes questões: 1) que diferenças há entre uma música ou pintura e a obra literária stricto sensu?; 2) é mais imediata a fruição de música e pintura ou de literatura?; 3) o que a leitura parece exigir a mais que a fruição de música e pintura? Essas questões permitem discutir a especificidade do código de mediação da literatura, a linguagem verbal escrita (notar que a música pode vir acompanhada também de linguagem verbal, mas oral). Lembrar aos alunos que a expressão ou comunicação pode também ser não-verbal, e sim visual (por meio de imagens, como na pintura e também placas de trânsito ou cor do cartão exibido pelo juiz de uma partida de futebol etc.) ou sonora (por meio de sons, como na música e também na buzina de um carro ou no apito do juiz de futebol etc.).

V- Tarefa para casa: desenvolvimento de uma breve redação a partir de proposta genérica de enredo, que pode ser escolhido pelo professor em conjunto com a turma. Entre as possibilidades, sugere-se: história de um protagonista dominado pelo anseio individual de acumular riquezas a despeito de tudo e de todos que tem sucesso nessa empreitada e ascende socialmente (*O cortiço*).

Aulas 3 e 4

I- Atividade lúdica com a turma antes de retomar a tarefa de casa, que consiste em: 1) cada aluno deve receber uma folha pautada em branco; 2) todos devem dar início a uma redação com o mesmo enredo genérico proposto na aula anterior como tarefa de casa; 3) a cada cinco minutos, o professor deve pedir aos alunos que parem de escrever e passem a folha para o colega de trás, para que este dê continuidade à história, do ponto em que está, por mais cinco



minutos, e assim sucessivamente, por cerca de cinco vezes; 4) escolher aleatoriamente algumas redações que pareçam ter ido mais longe e propor a leitura em voz alta, bem como de algumas redações entregues como tarefas de casa; 5) chamar a atenção dos alunos, num *primeiro momento*, para como uma mesma ideia de enredo ou tema pode ser desenvolvida de modos diversos e com sentidos diversos, com a diferença de *forma* do que se busca expressar implicando também diferença da impressão que o *conteúdo* comunicado provocará no leitor que o receberá (relação de influência recíproca forma/conteúdo).

II- Explorar a diferença individual X coletivo na produção literária (retomar a tarefa de casa e a atividade lúdica para pensar com os alunos a diferença entre textos saídos de um e de outro momento): chamar a atenção agora, num *segundo momento*, para o fato de a impressão de verdade ou consistência de uma obra literária ser causada por *articulação coerente de seus elementos* (mais fácil em um indivíduo) e não na fidelidade do reflexo de uma realidade social ou psíquica (que seria mais abrangente, em termos de pluralidade de perspectivas, em mais de um indivíduo). Lembrar que estamos trabalhando aqui com o tipo de literatura que pretende representar a realidade e que, portanto, permite uma abordagem que busque sua correlação com a sociedade.

III- Sugestão de leitura do texto “Bolas divididas”, de Ruy Castro, para pensar com os alunos possíveis paralelos entre produção literária individual e coletiva e esporte individual e coletivo. Chamar a atenção para o romance como forma característica da *sociedade moderna*, de narrativa de dramas *individuais* (cf. trechos sublinhados):

Bolas divididas

31/05/2014 02h00

RIO DE JANEIRO - As pessoas se perguntam: "Por que o Brasil, com toda a sua história no futebol, nunca produziu grande literatura sobre o assunto?" E citam Nelson Rodrigues: "Nossos escritores não sabem nem bater lateral". O próprio Nelson, um dos maiores, nunca usou o futebol, a não ser de passagem, em seu teatro e ficção. E também não sabia bater lateral.

Mas os ingleses, alemães, italianos, franceses e mexicanos são igualmente loucos por futebol e nenhum deles produziu grande literatura a respeito. Onde, por que nos cobramos tanto? E se o problema não estiver na literatura, mas no futebol?

Talvez os esportes coletivos não se prestem à ficção –pelo menos, com os jogadores como personagens. Onde estão os grandes romances americanos sobre basquete? Ou portugueses, sobre hóquei em patins? Ou escoceses,



sobre curling? Ao mesmo tempo, quantos boxeirs, jóqueis, nadadores, corredores de Fórmula 1, enxadrists e outros esportistas isolados já não renderam ficção interessante? O futebol tem muito de épico, mas, em letra de forma, o drama ou tragédia individual é mais comovente.

Já na área da não ficção –biografia, perfil, memória, ensaio, história–, o futebol brasileiro sempre marcou gols de placa. É só lembrar, entre outros, "O Negro no Futebol Brasileiro" (1947), de Mario Filho; "À Sombra das Chuteiras Imortais" (1993), de Nelson Rodrigues; "Os Subterrâneos do Futebol" (1963), de João Saldanha; "Anatomia de uma Derrota" (1986), de Paulo Perdigão; e "Eu e o Futebol" (1973), do ex-jogador Almir de Albuquerque.

Nenhum desses livros contém muito "futebol". Tratam, isto, sim, de seres humanos que viviam de correr atrás da bola, mas cujas almas entraram nas mais perigosas bolas divididas, tanto fora quanto dentro do campo, e das quais nem sempre –ou quase nunca– eles saíram vitoriosos.

Ruy Castro, escritor e jornalista, já trabalhou nos jornais e nas revistas mais importantes do Rio e de São Paulo. Considerado um dos maiores biógrafos brasileiros, escreveu sobre Nelson Rodrigues, Garrincha e Carmen Miranda. Escreve às segundas, quartas, sextas e sábados.

(fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2014/05/1462991-bolas-divididas.shtml>)

Atividade 2

A literatura como forma de expressão

Previsão de desenvolvimento: quatro aulas de 50 minutos (possibilidade de interface com a disciplina de Língua Inglesa, ou semelhante)

Objetivo: apresentar ao aluno uma segunda face da literatura, que é também forma de expressão individual ou de grupo

Recursos necessários: lousa, xerox, DVD *Escritores da liberdade (Freedom Writers)*, televisão + aparelho de DVD ou projetor + PC/notebook, aparelho de som

Dinâmica utilizada:

Aulas 1 e 2

I- Apresentar e discutir com os alunos a riqueza do potencial de comunicação das obras literárias “clássicas” segundo Ítalo Calvino e Walter Benjamin (cf. p. 1 do texto teórico).



II- Perguntar aos alunos qual eles acham que é a função da norma culta da língua e anotar as respostas na lousa.

III- Discutir com base nas respostas do item anterior a norma culta da língua como referência comum que permite a intercomunicação (afinal, como nos entenderíamos se cada um criasse sua própria norma?). Ressaltar que, evidentemente, essa norma não é inquestionável e imutável, mas para tanto é preciso conhecê-la. De acordo com Freud, pensamos todos automaticamente em linguagem verbal oral (cf. expressão “pensar alto”). A objetivação mais perene e precisa de uma opinião ou sentimento, porém, é alcançada com o manejo hábil da linguagem verbal escrita, treino que a literatura pode também proporcionar, além de outras coisas discutidas no texto teórico.

IV- Refletir com os alunos a respeito da existência da divisão do trabalho material e espiritual em classes na sociedade capitalista a partir da música “Rodo Cotidiano”, da banda O Rappa, presente no álbum *O silêncio q precede o esporro* (2003), que tal qual a literatura é uma *representação artística* dessa situação vivida por nós. Procurar problematizar com os alunos especialmente o trecho sublinhado, que trata da existência de ideias entre a população trabalhadora, as quais simbolicamente chegam até o punho desses indivíduos mas não se materializam por falta de caneta, papel, espaço, tempo etc. (eles são logos arrastados para o ralo de gente independentemente da vontade, por necessidade de venda da força de trabalho). Antes, propor aos alunos as seguintes questões: 1) qual é a classe cujo cotidiano é retratado na música?; 2) por meio de que indicações chegamos a essa conclusão (ou seja, quais as características dessa classe)?; 3) a classe retratada na música consegue dar forma às suas ideias?; 4) se não, por quê?; 5) mas se há ideias circulando em nossa sociedade, há classes com o privilégio expressá-las, certo?

Rodo Cotidiano

Marcos Lobato, Marcelo Falcão, L.Farias, Xandão, Marcelo Lobato

Ô Ô Ô Ô Ô, my brother

A ideia lá comia solta

Subia a manga amarrotada social

No calor alumínio, nem caneta nem papel



Uma ideia fugia

Era o rodo cotidiano

Espaço é curto quase um curral
Na mochila amassada uma quentinha abafada
Meu troco é pouco, é quase nada

Ô Ô Ô Ô Ô my brother

Não se anda por onde gosta
Mas por aqui não tem jeito, todo mundo se encosta
Ela some é lá no ralo de gente
Ela é linda mas não tem nome
É comum e é normal
Sou mais um no Brasil da Central
Da minhoca de metal que corta as ruas
Da minhoca de metal, é!

Como um concorde apressado cheio de força
Que voa, voa mais pesado que o ar
E o avião, o avião, o avião do trabalhador

(fonte, com letra e áudio disponíveis:
<http://www.orappa.com.br/discografia/o-silencio-q-precede-o-esporro.html>;
biografia da banda disponível em: <http://www.orappa.com.br/biografia/>)

VI- Pensando ainda no item anterior, refletir com os alunos sobre a seguinte questão: a dedicação ao aprimoramento das técnicas de representação da realidade em nossa sociedade é restrita, embora o resultado alcançado e a experiência coletiva que lhe serve de matéria-prima sejam patrimônio coletivo da cultura e possam ser apropriados também por classes menos favorecidas como instrumento para expressarem com maior precisão seus próprios dilemas (cf. que a classe retratada na música do item anterior não tem caneta e papel nem tampouco livro na situação representada e que, portanto, a dificuldade dessa classe não é apenas de se expressar, mas também de se apropriar de técnicas de expressão que só nos são acessíveis por



meio do contato com a expressão dos outros, do passado e do presente). Trabalhar com os alunos a questão da apropriação a partir da leitura de uma entrevista concedida pelo escritor de literatura marginal Ferréz, que afirma ser leitor de literatura canônica e também apreciador de rap (cf. trechos sublinhados, em especial a metáfora do “gritar bem alto” atribuída a Mano Brown).

Com as próprias mãos

DA REPORTAGEM LOCAL (06/06/2005)

Manhã é uma linda garota negra, com traços de princesa africana, que mora na periferia de uma cidade grande e não tem uma vida lá muito fácil. Mas, depois de ganhar um vestido verde e de fazer tranças no cabelo, descobre como as coisas podem ser diferentes -e a melhora na sua auto-estima contamina toda a comunidade, que muda junto com ela.

Essa é a história de "Amanhecer Esmeralda" (ed. Objetiva), o primeiro livro infanto-juvenil do escritor Ferréz, 29. Ele vai lançar em breve a edição de cinco anos de aniversário de "Capão Pecado", com novo prefácio, em que conta o que mudou na sua vida nesse tempo, e também está preparando uma autobiografia. Leia trechos da entrevista que o escritor deu ao Folhateen.

(ALESSANDRA KORMANN)

Folha - Existe uma Manhã de verdade?

Ferréz - Existem várias. A Jessica, minha afilhada que foi prometida para mim desde a barriga, e muitas meninas que sentam perto de mim durante minhas palestras. Muitos jovens me dizem que um livro meu mudou a vida deles, então pensei em fazer uma história para crianças que realmente mudasse a vida delas.

Folha - Você acredita que a auto-estima pode mudar a vida das pessoas? O problema da miséria não é mais amplo?

Ferréz - Eu mesmo mudei a minha vida por causa de um show de rap. Quando eu abri um livro pela primeira vez, tive outra noção das coisas. A gente vai mudando a nossa vida com pequenas iniciativas, às vezes até das outras pessoas. Eu tinha 19 anos quando fui ao meu primeiro show, dos Racionais, lá no Capão Redondo [zona sul de São Paulo]. O Mano Brown dizia no palco: "As pessoas não ouvem a gente, mas se vocês gritarem bem alto todo mundo vai ouvir". Quando eu vi isso, pensei que queria fazer parte disso, dessa mudança.

Folha - E que livro mudou sua vida?

Ferréz - Foi "Madame Bovary", de Flaubert. Eu tinha uns 15, 16 anos, já lia muito gibi, literatura de cordel. O livro caiu na minha mão de uma forma bem curiosa. Um amigo meu mandou a mãe escolher entre ele e o padrasto. Ela escolheu o padrasto e o abandonou. No final de semana, a gente ia levar comida para ele, que morava sozinho em um barraco. Uma das coisas que a mãe dele deixou foi uma caixa de livros. Depois disso, descobri Paulo Lins,



João Antônio, Lima Barreto, Plínio Marcos. Tomei a pílula do "Matrix" e nunca mais fui o mesmo.

Folha - Mas pensar em uma questão de auto-estima não tira a responsabilidade dos governos de dar condições de todos terem uma vida digna?

Ferréz - Mas depende de cada um cobrar o governo. A gente elege o governo, por que não cobra? O povo vota, mas não fiscaliza, porque é cerceado para não fiscalizar. Eu acho que a mudança é individual e coletiva. Não adianta só reclamar, tem que cobrar. Todo mundo fica falando: "Por que o governo não faz isso"? Deveria pensar: "O que a gente vai fazer junto com o governo?".

Folha - Em que pé está a sua autobiografia? O que deve entrar nela?

Ferréz - Estou escolhendo os materiais, mas não sei ainda se vou escrever primeiro a autobiografia ou outro romance. Numa autobiografia, tem coisas que as pessoas nem imaginam que a gente faz, boas e ruins. Vou falar sobre o fato de os meus amigos não estarem mais aqui comigo, contar um pouco da trajetória deles. Éramos uma turma de 15, hoje se tiver três é muito. Eu me pergunto por que ainda estou vivo e eles não estão mais aqui. Eu fui resgatado grande, mas muitos podem ser resgatados pequenos pela literatura, pela esperança e pela auto-estima.

(fonte: <http://feeds.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm0606200515.htm>)

Aulas 3 e 4

I- Projetar dois trechos do filme *Escritores da liberdade* (*Freedom Writers*) que reforcem a discussão das duas aulas anteriores.

Escritores da liberdade (*Freedom Writers*)

País de produção: EUA

Ano: 2006

Diretor: Richard Lagravenese

Gênero: drama

Classificação indicativa: 16 anos

Duração: 122 minutos

Sinopse: Hilary Swank, duas vezes premiada com o Oscar, estrela este cruel e empolgante filme, baseado nos acontecimentos verdadeiros e chocantes do livro *O Diário dos Escritores da Liberdade*. Todo mundo tem uma história e, para os adolescentes da escola Woodrow Wilson High, é uma história de gangues de violência brutal, de lares e sonhos desfeitos. Um decadente sistema educacional desistiu desses garotos... e eles também desistiram de tudo, até que a professora iniciante Erin Gruwell (Swank) chega ao campus e promete mudar suas vidas. Ao pedir aos estudantes que escrevam suas histórias pessoais em diários, Gruwell lhes dá algo que nunca tiveram: voz. Agora, armados com seus livros e com a esperança de uma vida melhor,



esses jovens vão provar o quanto eles são firmes, para vencer as dificuldades e deixar esse mundo destrutivo para trás.

(fonte: encarte original do DVD)

00:41:07 – 00:47:14. A professora Erin Gruwell realiza em sala de aula o que chama de “jogo da linha”, que consiste em dividir a turma em duas fileiras paralelas e passar no chão entre elas uma fita adesiva, realizando em seguida perguntas sobre os hábitos e a vida dos alunos, que estes devem responder caminhando até a linha (se a resposta for “sim”) ou ficando no lugar (caso a resposta seja “não”). Com a brincadeira, além de conhecer melhor seus alunos, a professora Gruwell os faz se conhecerem melhor entre si, mostrando a eles como têm muito mais em comum enquanto seres humanos inseridos num mesmo contexto social do que seus preconceitos étnicos lhes permitiam perceber a priori. Ao final dessa aula, a professora Gruwell distribui a seus alunos cadernos em branco e sugere que escrevam neles diariamente, afirmando o seguinte: “Todo mundo tem sua própria história e é importante para vocês que contem sua própria história, mesmo que para vocês mesmos”. Trabalhar com os alunos que importância é essa (tomada de conhecimento mais preciso da própria situação e possibilidade de expressá-la de modo mais claro para os outros, o que será retomado no trecho seguinte, na voz dos próprios alunos).

1:52:15 – 1:53:31. A pedido da professora Gruwell, os alunos juntam seus diários em livro, sob inspiração de *O diário de Anne Frank*, leitura recomendada a eles no curso. Para ela, seus alunos tinham “algo a dizer para as pessoas”. Segundo eles: “nós não éramos mais apenas crianças numa classe. Nós éramos escritores com nossas próprias vozes, nossas próprias histórias. E mesmo se ninguém mais o lesse, o livro seria algo para deixarmos para trás como sinal de que estivemos aqui, de que isso foi o que acontece e de que fizemos diferença. Mesmo que isso fosse apenas para nós mesmos. E nós não esqueceríamos”.

II- Projetar, *com legendas em inglês*, um terceiro trecho do filme. **1:09:56 – 1:14:59.** Os alunos são recebidos pela professora Gruwell para mais um semestre. Nessa primeira aula, de recepção, ela propõe que todos os alunos façam um “brinde pela mudança”. Um aluno, então, pede para ler para os colegas um trecho de seu diário, em que dá forma ao que viveu nas últimas férias de verão e como se sentiu com a volta às aulas.



III- Leitura da transcrição do trecho do filme projetado no item anterior:

This Summer was the worst summer in my short 14 years of life. It all starts with a phone call. My mother was crying and begging, asking for more time as if she were gasping for her last breath of air. She held me as tight as she could and cried. Her tears hit my shirt like bullets and [she] told me we were being evicted. She kept apologizing to me. I thought, ‘I have no home. I should have asked for something less expensive at Christmas. On the morning of the eviction a hard knock on the door woke me up. The sheriff was there to do his job. I looked up at the sky, waiting for something to happen. My mother has no family to lean on, no money coming in. Why bother coming to school or getting good grades if I’m homeless? The bus stopped in front of the school. I feel like throwing up. I’m wearing clothes from last year, some old shoes and no new haircut. I kept thinking I’d get laughed at. Instead, I’m greeted by a couple of friends who were in my English class last year. And it hits me, Mrs. Gruwell, my crazy English from last year, is the only person that made me think of hope. Talking with friends about last year’s English and our trips, I began to feel better. I received my schedule and the first teacher is Mrs. Gruwell in room 203. I walk into the room and fell as though all the problems in life are not so important anymore. I’m home.

IV- Trabalhar com as seguintes questões sobre o trecho projetado e o transcrito: 1) é possível supor qual é o conteúdo da mensagem comunicada pelo aluno apenas com a observação de sua expressão facial ou tom de voz (linguagem não-verbal)?; 2) apesar disso, o conhecimento da linguagem verbal por ele utilizada, no caso a língua inglesa (ou a portuguesa, no caso da linguagem verbal escrita da legenda quando vemos filmes dessa maneira), não permite uma compreensão mais precisa e aprofundada da mensagem que ele quis transmitir?; 3) ao se dedicar ao trabalho de expressão de sua experiência e seus sentimentos por meio da escrita, o aluno em questão não apenas os transmite, mas também tem a oportunidade de refletir sobre eles e torná-los mais precisos e expressivos com a utilização de recursos estilísticos como figuras de linguagem – quais são elas? Pedir aos alunos que busquem no texto as comparações e metáforas (elas se encontram sublinhadas no trecho transcrito acima). Sugere-se que, ao final, o trecho seja projetado novamente mas com legendas em português, para efeitos de contraste. Possibilidade de retomar a metáfora de Mano Brown, pois o “gritar bem alto” está relacionado ao ganho de expressividade implicado no trabalho com a linguagem.



Atividade 3

A literatura como forma de conhecimento do mundo e do ser

Previsão de desenvolvimento: quatro aulas de 50 minutos (possibilidade de interface com a disciplina de História e de Literatura Brasileira, ou semelhantes)

Objetivo: apresentar ao aluno o potencial da literatura como forma de conhecimento do mundo e do ser

Recursos necessários: lousa, xerox, projetor + PC/notebook, aparelho de som

Dinâmica utilizada:

Aulas 1 e 2

I- Apresentar e discutir com os alunos as noções de *humanização* e *alienação* segundo Antonio Candido e sua preocupação com a questão da emancipação humana (cf. pp. 4-5 e pp. 14-15 do texto teórico).

II- Leitura de entrevista com o crítico literário Harold Bloom para a discussão das seguintes questões (cf. em especial a pergunta e resposta sublinhadas): 1) como costumamos ver nosso tempo livre e as atividades adequadas a ele?; 2) nesse aspecto, em que diferem as atividades de leitura e de ver TV, por exemplo?; 3) qual a relação entre o caráter passivo de uma atividade e ativo de outra com as ideias de alienação e humanização propostas por Candido para pensar a literatura como instrumento de humanização e de oposição à reificação?

'Não existe leitor passivo', diz crítico literário Harold Bloom

DAVID MOLINA

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, EM NEW HAVEN (EUA)

SIDNEY MOLINA

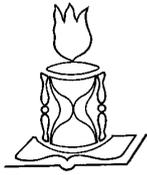
CRÍTICO DA FOLHA

15/04/2014 03h00

Aos 83 anos, com saúde frágil, Harold Bloom, crítico literário mais famoso da atualidade, segue lecionando na Universidade de Yale (EUA).

Seus cursos sobre Shakespeare e literatura norte-americana só aceitam 12 alunos cada, já que, sobretudo no inverno, as aulas às vezes são transferidas para a sua casa.

No semana passada, Bloom conversou com a Folha sobre seu livro-testamento, "A Anatomia da Influência", lançado aqui no final de 2013.



Quarenta anos após a publicação de "A Angústia da Influência" (1973), obra que, para além da literatura, mudou o estudo das reverberações de um artista em outro, ele chega a uma fórmula mínima: "Influência é amor literário", aquilo que ao mesmo tempo afasta e aproxima autores fortes uns dos outros.

A entrevista ocorreu na casa de Bloom, com o som de "Concertos de Brandenburgo", de Bach, ao fundo. No cômodo ao lado, Jeanne, sua mulher, tentava fazer o computador funcionar com a ajuda de um aluno.

Folha - Em "A Anatomia da Influência" você define influência como "amor literário, temperado pela defesa". É possível dizer que sua ênfase nos anos 1970 estava em "defesa", e agora em "amor literário"?

Harold Bloom - Quando escrevi "A Angústia da Influência", havia a crença universal de que toda influência poética era um processo benigno. Por isso era necessário enfatizar o negativo, o que foi mal compreendido.

Este livro é diferente. É uma suma pessoal feita em uma idade em que a gente sabe que pode morrer a qualquer hora, mas ainda tem tempo de resumir para si o que acredita ser a sua contribuição.

O que é "amor literário"?

Você está apaixonado? Mesma coisa. Incluindo inevitáveis ambivalências, dificuldades, incompreensões.

Seu curso sobre Shakespeare tem seis aulas sobre "Rei Lear". Como é analisar Lear depois dos 80?

As duas pessoas mais velhas da obra de Shakespeare são sir John Falstaff e rei Lear, ambos com mais de 80. Caminho para completar 84. Sempre adorei Falstaff.

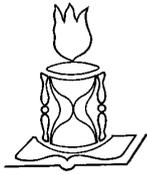
Lear é o maior representante em toda a literatura ocidental da autoridade paterna, que a maioria das sociedades confere às figuras do rei e de Deus. A melhor coisa dita na peça sobre Lear é que "ele sempre se conheceu muito pouco". Não há autoconhecimento, e esse é um erro que os críticos que o idealizam cometem.

Como vê a relação da leitura com as tecnologias visuais?

É difícil. É mais difícil ainda para a sua geração se desligar do visual do que para mim e Jeanne [mulher de Bloom]. Nada disso existia quando éramos jovens. Quer dizer, o cinema sim, mas a TV mal existia, não me lembro. E o computador, claro, muito mais importante que a tela de cinema ou da TV e que usurpou o lugar de ambas, não existia de forma generalizada até 25 anos atrás.

Por isso encorajo estudantes a lerem em voz alta, a irem a um lugar onde possam ficar sozinhos e ler em voz alta.

Ler de verdade, ler Shakespeare (1564-1616), ou os poetas Wordsworth (1770-1850, inglês), ou Wallace Stevens (1879-1955, americano) ou Hart Crane (1899-1932, americano), algum escritor difícil, é um processo extremamente ativo no qual você tem que lutar com todas as suas faculdades, mesmo se não puder compreender tudo, para tirar mais daquilo.



Já com o visual, mesmo que exista algo como olhar de forma reativa (não que eu saiba muito sobre isso, não sou guiado pelo visual, sou orientado puramente pelo verbal), com o visual é muito fácil relaxar e ser passivo. Você não pode ler passivamente.

Como vê o governo Obama?

Tudo indica que Obama ampliou o programa de vigilância dos EUA. Nesse tema, se situa à direita do idiota George Bush. Um imenso desapontamento.

Sua teoria da influência enfrentou resistências de formalistas, de especialistas em grupos marginalizados e dos que interpretam politicamente seu foco no combate entre autores. Como trata isso hoje?

Se respondesse a todas as provocações, não seria mais capaz de ler, escrever ou ensinar. A notoriedade tem o seu aspecto positivo, mas você perde tanto quanto obtém dela. Hoje não respondo mais.

É bobagem acreditar que você pode beneficiar grupos insultados, explorados ou desfavorecidos lendo e ensinando a ler obras menores só por causa da pigmentação da pele, orientação sexual, gênero ou origem étnica.

Os departamentos de língua e literatura inglesa têm só 20% do número de alunos que tinham há 30 anos. Ocasionalmente vejo a lista dos cursos e sinto um calafrio. Vejo pessoas que não passam de vendedores de lixo sendo contratadas. Mas no máximo em cinco anos estarei morto ou incapacitado. E muita gente respirará aliviada.

(fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/04/1440681-nao-existe-leitor-passivo-diz-critico-literario-harold-bloom.shtml>)

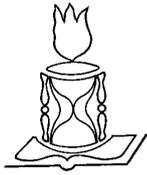
III- Retomar ideia de “redução estrutural” de Antonio Candido (cf. p. 9 e p. 12 do texto teórico) e propor para debate em sala a seguinte questão: que tipo de conhecimento um romance que representa a realidade social pode proporcionar? Anotar as respostas na lousa e tentar testá-las com base na interpretação de Antonio Candido para *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, atualmente leitura obrigatória para o vestibular (cf. pp. 12-13 do texto teórico).

O cortiço

Biografia de Aluísio Azevedo

Aluísio Azevedo (A. Tancredo Gonçalves de A.), caricaturista, jornalista, romancista e diplomata, nasceu em São Luís, MA, em 14 de abril de 1857, e faleceu em Buenos Aires, Argentina, em 21 de janeiro de 1913.

Era filho do vice-cônsul português David Gonçalves de Azevedo e de D. Emília Amália Pinto de Magalhães e irmão mais moço do comediógrafo Artur Azevedo. Sua mãe havia casado, aos 17 anos, com um comerciante português. O temperamento brutal do marido determinou o fim do casamento. Emília refugiou-se em casa de amigos, até conhecer o vice-



cônsul de Portugal, o jovem viúvo David. Os dois passaram a viver juntos, sem contraírem segundas núpcias, o que à época foi considerado um escândalo na sociedade maranhense.

Da infância à adolescência, Aluísio estudou em São Luís e trabalhou como caixeiro e guarda-livros. Desde cedo revelou grande interesse pelo desenho e pela pintura, o que certamente o auxiliou na aquisição da técnica que empregará mais tarde ao caracterizar os personagens de seus romances. Em 1876, embarcou para o Rio de Janeiro, onde já se encontrava o irmão mais velho, Artur. Matriculou-se na Imperial Academia de Belas Artes, hoje Escola Nacional de Belas Artes. Para manter-se fazia caricaturas para os jornais da época, como O Figaro, O Mequetrefe, Zig-Zag e A Semana Ilustrada. A partir desses “bonecos” que conservava sobre a mesa de trabalho, escrevia cenas de romances.

A morte do pai, em 1878, obrigou-o a voltar a São Luís, para tomar conta da família. Ali começou a carreira de escritor, com a publicação, em 1879, do romance Uma lágrima de mulher, típico dramalhão romântico. Ajuda a lançar e colabora com o jornal anticlerical O Pensador, que defendia a abolição da escravatura, enquanto os padres mostravam-se contrários a ela. Em 1881, Aluísio lança O mulato, romance que causou escândalo entre a sociedade maranhense pela crua linguagem naturalista e pelo assunto tratado: o preconceito racial. O romance teve grande sucesso, foi bem recebido na Corte como exemplo de naturalismo, e Aluísio pôde retornar para o Rio de Janeiro, embarcando em 7 de setembro de 1881, decidido a ganhar a vida como escritor.

Quase todos os jornais da época tinham folhetins, e foi num deles que Aluísio passou a publicar seus romances. A princípio, eram obras menores, escritas apenas para garantir a sobrevivência. Depois, surgiu nova preocupação no universo de Aluísio: a observação e análise dos agrupamentos humanos, a degradação das casas de pensão e sua exploração pelo imigrante, principalmente o português. Dessa preocupação resultariam duas de suas melhores obras: Casa de pensão (1884) e O cortiço (1890). De 1882 a 1895 escreveu sem interrupção romances, contos e crônicas, além de peças de teatro em colaboração com Artur de Azevedo e Emílio Rouède.

Em 1895 ingressou na diplomacia. O primeiro posto foi em Vigo, na Espanha. Depois serviu no Japão, na Argentina, na Inglaterra e na Itália. Passara a viver em companhia de D. Pastora Luquez, de nacionalidade argentina, junto com os dois filhos, Pastor e Zulema, por ele adotados. Em 1910, foi nomeado cônsul de 1ª. classe, sendo removido para Assunção. Buenos Aires foi seu último posto. Ali faleceu, aos 56 anos. Foi enterrado naquela cidade. Seis anos depois, por uma iniciativa de Coelho Neto, a urna funerária de Aluísio Azevedo chegou a São Luís, onde o escritor foi sepultado.

(fonte:

<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=101&sid=106>; íntegra do romance disponível para download em: http://download.uol.com.br/vestibular2/obras_literarias/ocortico_aluisioazevedo.pdf)



Aulas 3 e 4

I- Ministrará aos alunos uma aula de encerramento que lhes faça relacionar leitura de textos com o interesse orientado em avaliar criticamente representações artísticas e o potencial de conhecimento ou mistificação da realidade que elas podem proporcionar.

II- Leitura de trecho comentado de tese de doutorado (texto 1):

“Enquanto ao companheiro a sociedade permitia a realização integral da individualidade na profissão, nas ciências e nas artes, a ela [a companheira] negava interesses de outro tipo além dos ligados à casa, aos filhos e à sua pessoa [ou seja, ligados ao casamento, que é apresentado pela autora no capítulo 3 como único meio de a mulher adquirir status econômico e social no século XIX, uma vez que perdera seu valor econômico com a libertação das tarefas domésticas que passaram a ser desempenhadas por trabalhadores da indústria; como grupo tornado dependente, sua moral passa a ser regida pela necessidade de agradar ao homem, o que inclusive permite relativizar o interesse ligado “à sua pessoa” mencionado; fora do casamento, haveria para a mulher apenas a “triste condição” de solteirona ou de trabalho remunerado, em geral como professora]” (fonte: MELLO E SOUZA, Gilda de. *O espírito das roupas: a moda no século XIX*. São Paulo: Cia das Letras, 1987, p. 99).

III- Leitura de trechos de *O cortiço* que tratam da trajetória da personagem secundária Pombinha (texto 2)

O cortiço – cap. XII

[...] Agora, encarando as lágrimas do Bruno [marido da lavadeira Leocádia, que a expulsara de casa por adultério e que agora se arrependera], ela compreendeu e avaliou a fraqueza dos homens, a fragilidade desses animais fortes, de músculos valentes, de patas esmagadoras, mas que se deixavam encabrestar e conduzir humildes pela soberana e delicada mão da fêmea.

Aquela pobre flor de cortiço, escapando à estupidez do meio em que desabotoou, tinha de ser fatalmente vítima da própria inteligência. À míngua de educação, seu espírito trabalhou à revelia, e atraçou-a, obrigando-a a tirar da substância caprichosa da sua fantasia de moça ignorante e viva a explicação de tudo que lhe não ensinaram a ver e sentir.

Bruno retirou-se com a carta [por ser uma das únicas letradas no cortiço, ela escrevia cartas para os vizinhos que a procurassem]. Pombinha pousou os cotovelos na mesa e tulipou as mãos contra o rosto, a cismar nos homens.

Que estranho poder era esse, que a mulher exercia sobre eles, a tal ponto, que os infelizes, carregados de desonra e de ludíbrio, ainda vinham covardes e suplicantes mendigar-lhe o perdão pelo mal que ela lhes fizera?...



E surgiu-lhe então uma ideia bem clara da sua própria força e do seu próprio valor.

Sorriu.

E no seu sorriso já havia garras.

Uma aluvião de cenas, que ela jamais tentara explicar e que até aí jaziam esquecidas nos meandros do seu passado, apresentavam-se agora nítidas e transparentes. Compreendeu como era que certos velhos respeitáveis, cujas fotografias Léonie [prostituta francesa respeitada pelos moradores do cortiço pelo status social que tinha e que às vezes fazia visitas ao local] lhe mostrara no dia que passaram juntas, deixavam-se vilmente cavalgar pela loureira, cativos e submissos, pagando a escravidão com a honra, os bens, e até com a própria vida, se a prostituta, depois de os ter esgotado, fechava-lhes o corpo. E continuou a sorrir, desvanecida na sua superioridade sobre esse outro sexo, vaidoso e fanfarrão, que se julgava senhor e que no entanto fora posto no mundo simplesmente para servir ao feminino; escravo ridículo que, para gozar um pouco, precisava tirar da sua mesma ilusão a substância do seu gozo; ao passo que a mulher, a senhora, a dona dele, ia tranquilamente desfrutando o seu império, endeusada e querida, prodigalizando martírios que os miseráveis aceitavam contritos, a beijar os pés que os deprimiam e as implacáveis mãos que os estrangulavam.

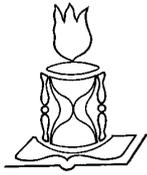
— Ah! homens! homens!... sussurrou ela de envolta com um suspiro.

[...]

O cortiço – cap. XXII

Pobre Pombinha! no fim dos seus primeiros dois anos de casada já não podia suportar o marido; todavia, a princípio, para conservar-se mulher honesta, tentou perdoar-lhe a falta de espírito, os gostos rasos e a sua risonha e fatigante palermice de homem sem ideal; ouviu-lhe, resignada, as confidências banais nas horas íntimas do matrimônio; atendeu-o nas suas exigências mesquinhas de ciumento que chora; tratou-o com toda a solicitude, quando ele esteve a decidir com uma pneumonite aguda; procurou afinar em tudo com o pobre rapaz; não lhe falou nunca em coisas que cheirassem a luxo, a arte, a estética, a originalidade; escondeu a sua mal-educada e natural intuição pelo que é grande, ou belo, ou arrojado, e fingiu ligar interesse ao que ele fazia, ao que ele dizia, ao que ele ganhava, ao que ele pensava e ao que ele conseguia com paciência na sua vida estreita de negociante rotineiro; mas, de repente, zás! faltou-lhe o equilíbrio e a mísera escorregou, caindo nos braços de um boêmio de talento, libertino e poeta, jogador e capoeira. O marido não deu logo pela coisa, mas começou a estranhar a mulher, a desconfiar dela e a espreitá-la, até que um belo dia, seguindo-a na rua sem ser visto, o desgraçado teve a dura certeza de que era traído pela esposa, não mais com o poeta libertino, mas com um artista dramático que muitas vezes lhe arrancara, a ele, sinceras lágrimas de comoção, declamando no teatro em honra da moral triunfante e estigmatizando o adultério com a retórica mais veemente e indignada.

[...]



Entretanto, lá na Avenida São Romão, era, como a mestra, cada vez mais adorada pelos seus velhos e fiéis companheiros de cortiço; quando lá iam, acompanhadas por Juju, a porta da Augusta ficava, como dantes, cheia de gente, que as abençoava com o seu estúpido sorriso de pobreza hereditária e humilde. Pombinha abria muito a bolsa, principalmente com a mulher de Jerônimo, a cuja filha, sua protegida predileta, votava agora, por sua vez, uma simpatia toda especial, idêntica à que noutro tempo inspirara ela própria à Léonie. A cadeia continuava e continuaria interminavelmente; o cortiço estava preparando uma nova prostituta naquela pobre menina desamparada, que se fazia mulher ao lado de uma infeliz mãe ébria.

[...]

(fonte:

http://download.uol.com.br/vestibular2/obras_literarias/ocortico_aluisioazevedo.pdf)

IV- Projeção de funk de autoria de Valesca Popozuda (texto 3)

My Pussy É o Poder

Gaiola Das Popozudas

Na cama faço de tudo
Sou eu que te dou prazer
Sou profissional do sexo
E vou te mostrar por que

My-my pussy é o poder
My-my pussy é o poder

Mulher burra fica pobre
Mas eu vou te dizer
Se for inteligente pode até enriquecer

My-my pussy é o poder
My-my pussy é o poder

Por ela o homem chora
Por ela o homem gasta
Por ela o homem mata



Por ela o homem enlouquece

Dá carro, apartamento, jóias, roupas e mansão

Coloca silicone

E faz lipoaspiração

Implante no cabelo com rostinho de atriz

Aumenta a sua bunda pra você ficar feliz

Você que não conhece eu apresento pra você

Sabe de quem tô falando?

My-my pussy é o poder

My-my pussy é o poder

[...]

(fonte: <http://letras.mus.br/gaiola-das-popozudas/1666564/>)

V- Leitura de reportagem sobre um dos impactos do programa Bolsa Família (texto 4)

Mulheres se sentem mais confiantes para usar contraceptivos e definir gastos

POR O GLOBO

15/06/2012 8:02 / ATUALIZADO 15/06/2012 9:37

RIO - Ao transferir prioritariamente às mulheres os recursos do programa, o Bolsa Família tem ajudado a deixá-las mais autônomas e com mais poder no domicílio. Várias mulheres beneficiadas pelo programa declararam, em maior proporção, terem mais autonomia em relação aos cônjuges para tomar decisões sobre gastos ou comportamentos como o uso de contraceptivos.

O estudo do MDS sustenta, por exemplo, que, em vez de induzir a um aumento da natalidade pelo fato de vincular o valor dos repasses ao número de crianças, o Bolsa Família atua em direção oposta: melhorando o acesso a métodos contraceptivos ao empoderar as mulheres.

Hildete Pereira de Melo, professora da UFF, destaca o aumento da autonomia das mulheres por elas serem as responsáveis pelo dinheiro da transferência nas famílias.

— Não é algo que dê igualdade de renda a elas, mas as ajuda a saírem da submissão masculina. O cartão (do Bolsa Família) é delas, está no nome delas. Os outros efeitos, como aumento da frequência escolar, da vacinação, com isso já se contava, porque são as condicionalidades exigidas pelo



programa. O mais emblemático é mesmo esse maior poder às mulheres — diz.

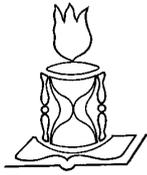
Hildete destaca outro aspecto do programa que ajuda a aumentar a autonomia feminina em questões de saúde reprodutiva: como várias condicionalidades exigem a ida a um posto de saúde — caso da vacinação de crianças —, essas mulheres podem ter mais acesso a orientação e meios para evitar uma gravidez indesejada.

Esse maior acesso à saúde é incentivado já na fase de gravidez. O percentual de mulheres beneficiadas que não receberam cuidados pré-natais caiu de 19% para 5% entre as incluídas no programa. Entre as mulheres não incluídas mas igualmente pobres, a variação entre 2005 e 2009 foi de 23% para 12%.

(fonte: <http://oglobo.globo.com/brasil/bolsa-familia-aumenta-autonomia-feminina-para-tomar-decisoes-5209100#ixzz36qPjN3NB>)

VI- Para discussão em sala ou por meio de proposta de redação sugerem-se as seguintes questões:

- o texto 1 retrata um processo de dependência da mulher em relação ao casamento e ao marido, o que pode ser observado em *O cortiço* sobretudo na personagem secundária Dona Estela, que mesmo sendo ela a detentora da riqueza do casal é obrigada a aturar um marido que não apenas não ama, mas odeia. Por quê? Existia no século XIX alguma outra opção que permitisse o mesmo status econômico e social para uma mulher fora do casamento?
- Ainda de acordo com o texto 1, fora do casamento haveria apenas posições menos bem-vistas para a mulher, como a de solteirona e de trabalhadora remunerada. No texto 2, Pombinha tenta a via de realização do casamento mas se frustra com a mediocridade do marido. Não havendo outras possibilidades de realização aceitas socialmente para compensar tal frustração, ela passa a ser tensionada no sentido das não-aceitas, como o adultério. Como essa insatisfação e inconformismo interferem em seu destino no âmbito daquela sociedade?
- A prostituição aparece nos textos 2 e 3. Pela leitura dos trechos selecionados, em que difere o tratamento da questão numa e noutra representação artística?
- Pensando nas ideias de Antonio Candido e na função educativa da literatura em sentido amplo de humanização (“A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” etc.), qual dos textos (2 ou 3) podemos dizer que a desempenha de modo mais satisfatório? E por quê?



- A leitura dos textos 2 e 3 contribui para o entendimento do texto 4? Se sim, por quê? E da mesma maneira? Se a prostituição é como retrata o texto 3, teria sentido haver o programa de que trata o texto 4, ainda mais com as características descritas?
- Sabendo que Pombinha é a única personagem além do dono do cortiço que, no decorrer do romance, acumula riqueza pessoal e ascende socialmente, é possível estabelecer relação entre eles pensando na “dialética do espontâneo e do dirigido”? Sugiro, como paralelo um tanto oblíquo, que em ambos os casos há domínio das próprias paixões e exploração das paixões alheias não controladas (ou seja, em âmbito privado, a ação da racionalização própria ao processo de acumulação de capital).